

## JUVENTUDE E DIREITO DAS MULHERES: UM PROJETO DE ENSINO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL

### YOUTH AND WONE'S RIGHTS: A TEACHING PROJECT IN A PUBLIC SCHOOL IN MARANHÃO

Recebido em: 22/03/2024


Aceito em: 30/06/2024

Publicado em: 17/07/2024

Amanda Gomes Pereira<sup>1</sup>   
Universidade Federal do Maranhão

Tatiana Colasante<sup>2</sup>   
Universidade Estadual do Paraná

Gabrielly Luísa Lima Silva<sup>3</sup>   
Universidade Federal do Maranhão

Lucas Oliveira dos Santos<sup>4</sup>   
Universidade Federal do Maranhão

**Resumo:** Este trabalho tem como proposta apresentar as ações de um projeto de ensino, realizado em parceria com a Secretaria da Mulher do município de Santana do Maranhão/MA, cujo objetivo é promover oficinas, em escolas públicas municipais, sobre os tipos de violência contra a mulher, ampliando o escopo de conhecimento das adolescentes e jovens sobre relacionamentos abusivos e outras formas de violência. A cidade de Santana do Maranhão, inserida na Região do Baixo Parnaíba Maranhense, com dificuldade de acesso a uma rede de serviços de apoio à mulher vítima de violência – dentre eles, a falta de uma Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM) e de uma Defensoria Pública – torna vulneráveis mulheres que vivenciam essa realidade em seus cotidianos, contribuindo para a subnotificação dos casos. Assim, tendo em vista esse contexto, a Secretaria da Mulher, em parceria com a Universidade Federal do Maranhão, vem realizando campanhas e ações desde agosto de 2022. Desse diálogo próximo entre a universidade e a gestão municipal, surgiu a ideia de propor um projeto de ensino voltado para as escolas, com objetivo de combater esse tipo de violência e difundir conhecimentos acerca dos direitos das mulheres através da educação, além de capacitar professores para lidarem com questões de gênero e sexualidade de forma sensível e respeitosa, por meio da conscientização e educação das/dos estudantes, a partir de palestras, filmes, discussões em sala de aula e atos públicos. As oficinas visam criar um ambiente educacional inclusivo, pautado pela igualdade de gênero, nos Direitos Fundamentais da Pessoa humana, combatendo toda e qualquer forma de violência, baseada em uma educação engajada no processo de construção de uma sociedade menos desigual, inserida em um mundo pluridiverso.

**Palavras-chave:** Direitos das Mulheres; Escolas Públicas; Santana do Maranhão; Violência contra a mulher.

**Abstract:** The purpose of this paper is to present the actions of a teaching project, carried out in partnership with the Women's Secretary of the municipality of Santana do Maranhão/MA, whose aim is to promote workshops, in municipal public schools on the types of violence against women, expanding the scope of knowledge of adolescents and young people about abusive relationships and other forms of violence. The city of Santana do

<sup>1</sup> Docente de Sociologia Centro de Ciências de São Bernardo CCSB/UFMA. Doutora em Ciências Sociais PPCIS/UERJ. E-mail: ag.pereira@ufma.br

<sup>2</sup> Docente de Turismo da Universidade Estadual do Paraná Campo Mourão/ UNESPAR. Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, campus Presidente Prudente. E-mail: tatiana.colasante@unespar.edu.br

<sup>3</sup> Licencianda em Ciências Humanas/Sociologia CCSB/UFMA. E-mail: gabrielly.luisa@discente.ufma.br

<sup>4</sup> Licenciado em Ciências Humanas/ Sociologia CCSB/UFMA. E-mail: lo.santos@discente.ufma.br.

Maranhão, located in the Baixo Parnaíba Maranhense Region, has difficulty accessing a network of support services for women who are victims of violence – among them, the lack of a Specialized Police Station for Women's Assistance (DEAM) and a Public Defender's Office – makes women who experience this reality in their daily lives vulnerable, contributing to the underreporting of cases. Therefore, given this context, the Women's Secretariat, in partnership with the Federal University of Maranhão, has been carrying out campaigns and actions since August 2022. From this close dialogue between the university and the municipal administration, the idea arose of proposing a teaching project aimed at schools, with the aim of combating this type of violence and spreading knowledge about women's rights through education, as well as training teachers to deal with gender and sexuality issues in a sensitive and respectful way, by raising awareness and educating students through lectures, films, classroom discussions and public acts. The workshops aim to create an inclusive educational environment, based on gender equality, the Fundamental Rights of the Human Person, combating any form of violence, based on an education engaged in the process of building a less unequal society, inserted in a multi-diverse world.

**Keywords:** Women's rights; Public schools; Santana do Maranhão; Violence against women.

## INTRODUÇÃO

Este texto irá apresentar as ações desenvolvidas pelo Projeto do Foco Acadêmico (eixo ensino)<sup>5</sup>, coordenado pela professora Amanda Gomes Pereira, tendo como bolsista a discente Gabrielly Luísa Lima Silva – uma das autoras deste artigo –, em parceria com a Secretária da Mulher de Santana do Maranhão – na figura da secretária Francianne Cruz – cujo título é “Direitos Humanos em debate: ações de promoção dos Direitos das Mulheres através da educação no município de Santana do Maranhão/MA”. O projeto surgiu no bojo do Grupo de Estudos em Gênero e Educação Chita/Guitã”, frequentemente demandado para falar de questões de gênero e sexualidade nas escolas.

Com a realização dessas ações, cresceu a demanda dos professores e gestores escolares para trabalharmos com questões relacionadas a conflitos entre estudantes, desenvolvendo palestras sobre temas, tais como: homofobia, machismo, misoginia e violência doméstica e de gênero. Em decorrência disso, a professora Amanda propôs o desenvolvimento de um projeto de ensino, para que pudéssemos realizar oficinas nas escolas que abarcassem tais temáticas.

Este artigo é sobre atividades dos projetos de ensino na região do Baixo Parnaíba Maranhense, principalmente das ações realizadas no município de Santana do Maranhão/MA em parceria com a Secretaria Municipal da Mulher, com ênfase no debate acerca da violência contra a mulher e de gênero.

---

<sup>5</sup> O projeto Foco Acadêmico está inserido no bojo do Programa Foco Acadêmico da Universidade Federal do Maranhão, vinculado a Pró-reitora de Assistência Estudantil/PROAES. Tendo um duplo caráter de assistência estudantil e formação profissional, ele insere estudantes que recebem bolsas de assistência em projetos de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidos e elaborados por professores da instituição, ampliando as ações de professores e discentes para além das salas de aula.

## PARA ALÉM DOS MUROS DA UNIVERSIDADE: QUANDO REPRESENTANTES DA SOCIEDADE CIVIL DEMANDAM AÇÕES E PROJETOS

O nosso primeiro projeto piloto de ensino, parte do Programa Foco Acadêmico<sup>6</sup>, foi em torno da vida, da ativista paquistanesa Malala Yousafzai. Em uma visita a uma escola estadual do município de São Bernardo/MA, a docente e pesquisadora Amanda Gomes, observou que o estabelecimento tinha recebido alguns exemplares da biografia da ativista paquistanesa, nossa pesquisadora percebeu naquele material um rico potencial para o desenvolvimento de temáticas relacionadas aos conteúdos da disciplina de Sociologia, assim como de temas vinculados à promoção da equidade de gênero (PEREIRA; SANTOS; SANTOS, 2021).

A ideia de nossa pesquisadora, foi, então que, a partir da história de vida de Malala, pudéssemos estimular os alunos na elaboração de um diálogo com sua própria vida, com seus próprios contextos sociais e históricos, pensando em alternativas de como promover o acesso ao ensino por meninas, a equidade de gênero em escolas no interior do interior do Maranhão (Pereira; Colasante, 2020) – sendo essa uma das metas dos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio (ODM), proposta pela Organização das Nações Unidas (ONU): “3. **Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres:** Eliminar a disparidade entre os gêneros na educação primária e secundária preferencialmente até 2005, e em todos os níveis da educação até 2015” (ONU, 2000)<sup>7</sup>.

O projeto passou por diversas dificuldades durante a pandemia da COVID 19. Assim que as aulas presenciais retornaram nas escolas, as atividades foram sendo retomadas, respeitando os protocolos, objetivando a continuidade do projeto, mesmo neste complexo contexto. Assim, depois do retorno das aulas presenciais, nós retornamos para as escolas fazendo uso de máscaras, respeitando todas as medidas de segurança, com o mesmo ensejo de continuar desenvolvendo o projeto. A foto abaixo retrata uma das atividades do projeto em que a equipe foi convidada pelo professor de Sociologia de uma escola estadual do município de São Bernardo, para falarmos sobre Gênero e Sexualidade com os estudantes do 3º ano.

---

<sup>6</sup> Programa Foco Acadêmico: O Programa Foco Acadêmico, da Universidade Federal do Maranhão, “[...] tem como objetivo possibilitar, aos(as) estudante em situação de vulnerabilidade socioeconômica, experiências em projetos no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão, a fim de contribuir com o fortalecimento de sua formação acadêmico-profissional”. Disponível em: <http://www.campusbalsas.ufma.br/index.php/foco-academico-2/>. Acesso em: 31 de mar. 2024.

<sup>7</sup> Informações no site: <https://brasil.un.org/pt-br/66851-os-objetivos-de-desenvolvimento-do-mil%C3%A0nio>. Acesso em: 1 de fev. 2024.

Imagem 1



Fonte: Pereira; Santos, Silva, 2022.

Inicialmente, as oficinas aconteciam em São Bernardo/MA, sede do Centro de Ciências da UFMA (CCSB), até que então, no ano de 2022, nós fomos convidadas para fazer uma palestra no mês de agosto, o mês dedicado a celebração da promulgação da Lei Maria da Penha – reconhecida mundialmente pelos seus avanços na promoção da garantia dos direitos das mulheres vítimas de violência. Atualmente, no município desenvolve-se ações durante o mês da Campanha Agosto Lilás, sendo este um mês de conscientização pelo fim da violência contra a mulher.

A foto abaixo foi postada nas redes sociais, Instagram, da Secretaria da Mulher de Santana do Maranhão/MA – essa inclusive foi uma das atitudes tomada logo quando o órgão foi criado, divulgar as ações e promover o engajamento dos moradores nas redes, levando-os a acompanhar as atividades realizadas sob a coordenação da Secretaria da Mulher Francianne Cruz – com os palestrantes que participaram da Campanha Agosto Lilás, na cidade

Imagem 2

 secretariadamulher4  
Santana do Maranhão



Fonte: Secretaria da Mulher, 2022.

Imagem 3

 secretariadamulher4



Fonte: Secretaria da Mulher, 2022.

Quando recebemos o convite da Secretaria da Mulher de Santana do Maranhão, através do Diretor do CCSB, (sendo uma secretaria recém constituída e que não tinha orçamento, mas que queria organizar várias ações), ficamos felizes com a novidade e resolvemos apoiar a ação.

Após a realização dessa ação, que ocorreu na sede da Câmara Municipal de Santana, em um final de tarde torrencial, com um auditório lotado, a aproximação entre as instituições começou a ser estabelecida.

No decorrer deste percurso, fomos indagados pela secretária da Mulher Francianne se poderíamos prestar consultoria, assessorando-a, em seus trabalhos e, assim, começamos a planejar as atividades e auxiliar na realização das ações.

Imagem 4



Fonte: Pereira; Lima, 2022.

E, assim, foi surgindo a ideia deste projeto com base numa ideia exitosa anteriormente desenvolvida, mas, agora com um novo público, alunos do fundamental II, em Santana do Maranhão.

## METODOLOGIA

Como metodologia para escrita deste artigo, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre a temática, capaz de embasar a análise das atividades realizadas pelo projeto de ensino. Além disso, foi feita uma busca no acervo pessoal dos pesquisadores e autores do texto, assim como na rede social *instagram* da Secretaria da Mulher do Município de Santana do Maranhão/MA, para a seleção das imagens a serem inseridas neste trabalho. Dados estatísticos e sociodemográficos da população e economia do município foram incorporados a partir de uma pesquisa no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), local em que se retirou

Página 6 de 17

DOI: <https://doi.org/10.56579/rei.v6i2.1357>

ainda o mapa da cidade. Todas essas informações foram fundamentais para situarmos nossos leitores acerca do contexto social e econômico da localidade em que o projeto de ensino foi implementado. Nesse sentido, a pesquisa feita pela equipe possui um duplo caráter: descritivo e analítico, em que as reflexões se basearam nas leituras realizadas pela equipe do projeto, coordenadoras, bolsista e voluntário.

### **UM PROJETO DE ENSINO FORA DO LUGAR? COMO DESCENTRALIZAR AÇÕES DO CCSB/UFMA NA REGIÃO DO BAIXO PARNAÍBA MARANHENSE**

O nosso primeiro desafio era justamente desenvolver o projeto de ensino em um município que não fosse São Bernardo, onde está a sede da CCSB/UFMA. Por questões operacionais, o Programa Foco Acadêmico não possui financiamento além do valor recebido pelas alunas – bolsistas da nossa equipe. No caso, a coordenadora não recebe bolsa e nem ajuda de custo para passagens e outros materiais necessários ao desenvolvimento do projeto. Embora, a direção tenha se comprometido em apoiar as nossas ações, disponibilizando o transporte. Nossos sabedores que a, demanda do Centro é grande, sendo necessário adequar-se a escassez de recursos da própria instituição. Com isto, contou-se, em vários momentos, para a realização das oficinas, com o apoio da secretária Francianne, ao se responsabilizar pelo nosso traslado até o local da ação.

O município de Santana do Maranhão/ MA está localizado, como mencionado anteriormente, no Baixo Parnaíba Maranhense, tendo uma população com cerca de 10.567 habitantes, conforme dados do último Censo (IBGE, 2022). Boa parte da sua população está localizada em áreas de campesinato, o município por sua vez tem formação recente, sendo criado em 1994 – antes disso era considerado um distrito, pertencente ao município de São Bernardo/MA. Santana do Maranhão, limita-se ao norte com os municípios de Paulinho Neves e Tutóia; a oeste com Barreirinhas e ao sul com os municípios de São Bernardo e Santa Quitéria (IBGE, 2022)<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/santana-do-maranhao/panorama>. Acesso em: 1 de fev. 2024.

Mapa 1



Fonte: Ibge, 2022.

Quando considerado os domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, Santana do Maranhão tinha 58.8% da população nesta condição, o que a colocava na posição 23º de 217 dentre as cidades do estado e na posição 77º de 5.570 dentre as cidades do Brasil (IBGE, 2021). Do total de 10.567 habitantes, 473 pessoas estão ocupadas (IBGE, 2021). A população é majoritariamente jovem, situada na faixa de idade entre 10 e 14 anos.

Outra ação desenvolvida foi a campanha dos 21 dias de ativismo, que conta a história das irmãs Mirabal, assassinadas no regime ditatorial de Rafael Trujillo. No ano de 2023, o projeto continuou com as atividades, junto a Secretaria da Mulher seguindo uma agenda de eventos, a partir dessa consultoria dada. No mês de março, realizou-se uma ação também conjunta numa escola municipal de Santana, em referência ao Dia Internacional da Mulher.

Tais ações contribuíram para a divulgação do ensino em Ciências Humanas na promoção dos direitos humanos e direitos das mulheres, possibilitando o aprimoramento entorno da formação de nossas futuras professoras de Sociologia, por meio do contato com o contexto escolar.

Neste sentido, partilhamos da perspectiva de que a educação deve ser exercida por meio da prática da liberdade – pensando que alfabetizar não implica apenas em ler palavras e frases,



mas em aprender a ler criticamente o mundo (Freire, 1999) –, surgindo assim este projeto. Nesse aspecto, não basta apenas o conhecimento de autores clássicos da teoria sociológica, tendo-os decorados da primeira à última página, mas ao se formar o estudante não conseguir elaborar uma leitura crítica de sua própria realidade e do contexto social, político e cultural que está inserido.

As mulheres de cor e todas as mulheres que não provém de realidades privilegiadas, mas que tiveram formações que compreendem o valor do desenvolvimento intelectual, que sabe o quanto isso fortalece qualquer pessoa oprimida que está buscando auto superação e mudanças políticas radical, precisam compartilhar sua superação com todas as mulheres (HOOKS, 2019, p. 172).

Daí decorre a importância também da tradução dos conteúdos acadêmicos para o contexto da educação básica. A autora ressalta ainda que: “A habilidade em “traduzir” ideias para um público variado em termos de idade, sexo, etnia e grau de instrução é algo que as educadoras feministas precisam desenvolver”, caso elas queiram extrapolar os muros da universidade (HOOKS, 2019, p. 168). No caso das bolsistas do projeto, futuras professoras de Sociologia e de Ciências Humanas, a habilidade de tradução é ainda mais basililar para as suas respectivas formações profissional.

Quando falamos em violência contra a mulher, a circulação de informes e estabelecimento de redes de apoio à mulher vítima violência é essencial. Em 2022, o Maranhão teve 165 casos de violência contra a mulher, sendo 57 feminicídio, segundo dados da Rede de Observatórios de Segurança, uma iniciativa de instituições acadêmicas e da sociedade civil em sete estados, cujo objetivo é o acompanhamento de políticas públicas de segurança, fenômenos de violência e criminalidade. Os dados não são oficiais e são produzidos a partir de um monitoramento do que circula nos meios de comunicação e nas redes sociais sobre violência e segurança. O monitoramento também tipifica casos que não teriam sido classificados como feminicídio pela política, mas que, segundo a Rede de Observatórios, possuem evidências desse tipo de violência<sup>9</sup>.

Em uma pesquisa não muito recente, ficou constatado que 54% das pessoas entrevistadas conhecem uma mulher que já foi agredida pelo parceiro – em todas as classes econômicas<sup>10</sup>. Esses são alguns números e, boa parte deles, está bem abaixo dos inúmeros casos

<sup>9</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2023/03/06/maranhao-teve-165-casos-de-violencia-contra-a-mulher-em-2022-segundo-rede-de-observatorios.ghtml>. Acesso em: 1 de fev. 2024.

<sup>10</sup> Fonte: Pesquisa “Percepção da sociedade sobre violência e assassinato de Mulheres”, de 2013.

que acontecem, já que há subnotificação das denúncias. Nesse cenário, em que a violência de gênero se configura a partir de diferentes facetas, os relacionamentos abusivos passam a fazer parte da rotina de jovens e adolescentes. Segundo as pesquisadoras Amanda Ribeiro Bezerra e Zulimar Márita Rodrigues (2021), em São Luís/MA. “O Perfil da Vítima que procura atendimento nas 1º e 2º Vara Especial da Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher” é diverso com relação a faixa etária das mulheres. No relatório de 2009, que correspondeu aos meses de agosto a novembro de 2008, as mulheres entre 31 e 35 anos foram as que mais denunciaram a violência, buscaram atendimento e foram incluídas nas medidas protetivas de urgência. No relatório seguinte, em 2010, prevaleceu a faixa etária de 26 a 30, já no período de 2011 a 2018, a faixa de maior denúncia foi das mulheres entre 26 e 34 anos.

A pesquisadora Amanda Ribeiro Bezerra, ao pesquisar sobre a espacialização da Violência: Casa da Mulher Brasileira aponta o fato de que a Casa da Mulher Brasileira de São Luís localiza-se distante das mulheres que precisam dos serviços oferecidos pelo local. É possível constatar, conforme os dados, que o número de mulheres com faixa etária acima de 60 anos foi pequeno. Uma das possíveis explicações, descrita no relatório de 2011, é que nos anos anteriores havia vítimas idosas, mas a qualificação era pequena para ser tabulada. Portanto, esses dados foram subnotificados, mas revelam que a violência de gênero se estendia também as mulheres idosas nos anos de 2009 e 2010, já no período subsequente, os registros foram considerados.

## **É NORMAL CANTAR A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER? PATRIARCADO E MISOGINIA NAS CANÇÕES POPULARES**

Nos últimos anos tem-se observado um crescente debate nas questões de gênero e sexualidade que atravessam a sociedade brasileira. Sendo possível, portanto, destacar que historicamente a desigualdade de gênero tem relegado a homens e mulheres espaços e posições distintas, tanto no lar quanto na nossa sociedade.

A maternidade que historicamente foi construída como uma espécie de destino biológico natural de toda mulher, condena mulheres que ousem escolher um caminho diferente que não seja o da maternidade. Em consonância a isto, a filósofa e historiadora francesa Elizabeth Badinter (1985), enfatiza que o discurso biológico legitima e fomenta a idealização do mito do amor materno, condicionando mulheres a um papel de submissão, assim como também na posição de cuidadoras.

Caminhando na mesma direção que Badinter (1985), a professora pesquisadora Valeska Zanello, ressalta que: O dispositivo materno diz respeito, assim, a um lugar de subjetivação no qual as mulheres são constituídas como cuidadoras ‘natas’. (...) esse dispositivo se construiu historicamente, sobretudo a partir do século XVIII, momento esse no qual a capacidade de maternagem foi compreendida como desdobramento da capacidade de procriação (ZANELLO, 2016, p. 113-114).

Denota-se, com isso que, o então “dispositivo materno” se encontra assentado a valores de “boa mãe”, “boa esposa”, “boa filha” atuando, portanto, também sobre a vida e escolhas de mulheres não mães, tendo em vista que, trata-se de códigos e valores morais naturalizados em nossa sociedade que alocam as mulheres em posição de cuidado.

Neste contexto, a mulher negra se encontra numa situação de extrema desigualdade e violência – uma vez que, historicamente a mesma tem seu corpo e subjetividade violado pelo senhor de escravos e seus descendentes.

Desta forma, para que possamos sanar e diminuir as desigualdades de gênero, classe, raça existentes em nossa sociedade torna-se necessário que se efetive políticas públicas em conformidade com o que aponta o Estatuto da Igualdade Racial. Para tanto, é necessário pensar as conexões entre conhecimento e poder que, como delinea Patrícia Hill Collins (2019), contribui para a compreensão das ações de combate a injustiça social e formas de acesso ao empoderamento. Isso porque “teorias sociais produzidas por mulheres oriundas de grupos diversos não costumam surgir da atmosfera etérea de sua imaginação” (Collins, 2019: 43), mas da própria realidade que vivem ou que suas irmãs, vizinhas, avós vivem ou vivenciaram.

Nos interiores do Brasil, mulheres das classes populares compartilham de realidades semelhantes as suas companheiras negras. Na região do Baixo Parnaíba Maranhense, a maioria das mulheres cuida de casa, sustentam-se da pequena agricultura, extração de recursos naturais, embora desempenhem funções rentáveis, as mesmas têm uma compreensão imagética de si, pautada na representação de gênero. Uma dualidade geradora da exclusão, mas isso dialoga com a compreensão que se respalda na configuração de cunho ideológico, esboçada na centralidade do papel masculino e na aceitação de que seu trabalho é apenas uma “ajuda”.

A MULHER das camadas sociais diretamente ocupadas na produção de bens e serviços nunca foi alheia ao trabalho. Em todas as épocas e lugares tem ela contribuído para a subsistência de sua família e para criar a riqueza social. Nas economias pré-capitalistas, especificamente no estágio imediatamente anterior à revolução agrícola e industrial, a mulher das camadas trabalhadoras era ativa: trabalhava nos campos e nas manufaturas, nas minas e nas lojas, nos mercados e nas oficinas, tecia e fiava,

fermentava a cerveja e realizava outras tarefas domésticas. Enquanto a família existiu como uma unidade de produção, as mulheres e as crianças desempenharam um papel econômico fundamental (SAFFIOTI, 1976, s.p.).

Para refletirmos melhor acerca dessa condição desigual entre homens e mulheres buscamos durante a realização do projeto na escola municipal de Santana do Maranhão, iniciar o nosso debate explicando sobre o que seria relacionamento abusivo, durante nosso diálogo com os estudantes, utilizamos músicas para refletir o quanto elas naturalizam práticas violência contra mulheres. A primeira música utilizada como exemplo, quando foi lançada, foi amplamente cantada pela população brasileira, se tornando um hit. Abaixo, segue um trecho da letra da música:

“Oh baby, me atende  
Ai que vontade de tacar meu celular na parede  
Oh baby, me atende  
Ai que vontade de tacar meu celular na parede  
Ê ê ê  
(Compositores: Igor Costa / Matheus Fernandes /  
Rodrigo Elionai Dos Reis)

Outra música que teve grande repercussão entre os adolescentes e jovens, alcançando sucesso nacional em rádios, tvs e streamings é a música “Vidinha de Balada”, composta por Diego Silveira, Larissa Ferreira, Nicolas Damasceno e Rafael Borges que ficou conhecida na voz da dupla Henrique e Juliano. Na letra, há um discurso de violência que afirma a falta de escolha da parceira com relação ao relacionamento, sendo esse colocado como imposição. Segue trecho:

“Oi, tudo bem? Que bom te ver  
A gente ficou, coração gostou não deu pra esquecer  
Desculpe a visita, eu só vim te falar  
'Tô afim de você e se não tiver 'cê vai ter que ficar  
Eu vim acabar com essa sua vidinha de balada  
E dar outro gosto pra essa sua boca de ressaca  
Vai namorar comigo sim  
Vai por mim igual nós dois não tem  
Se reclamar 'cê vai casar também, com comunhão de bens  
Seu coração é meu e o meu é seu também”

A pesquisadora Amanda Ágatha Contieri, em sua dissertação no Mestrado em Linguística Aplicada, apontou o conteúdo violento e machista do cancionário popular. Ao

utilizar os trechos das músicas, que muitas das vezes são cantadas por jovens e adolescentes, percebemos linguagens atreladas a práticas violência. Um ponto que precisamos ressaltar é que a violência que é aceita por camadas da população, em geral, como destaca Bell Hooks (2019), principalmente quando ela é direcionada a determinado sujeitos e sujeitas. “Muitas mães solteiras ou casadas têm ensinado seus filhos a ver a luta e outras formas de violência como modos adequados de comunicação, inclusive mais valiosos do que amor e o cuidado” (Hooks, 2019). Outros exemplos de música em que as mulheres são desqualificadas e tratadas de maneira pejorativa.

“Nossa, a minha ex tá gostosa  
Ela tá maravilhosa, mas não dá mole pra mim  
Nossa, a minha ex tá delícia  
Ela tá pura malícia e tá fazendo charminho  
Tá uma potência, tirou a minha paz  
Aquela seca magrela, evoluiu demais  
Tá mudada, siliconada, não acreditei  
Quando vi fiquei de cara  
Ei, ei, volta pra mim”

(Compositores: Caco Nogueira / Sorocaba)

É para desnaturalizar essas perspectivas de gênero que utilizamos as músicas, dialogando com o contexto social e histórico dos estudantes, desconstruindo conteúdos que reforçam a desigualdade entre os gêneros e todas as formas de opressão. Em uma das salas da escola em que falamos sobre violência contra a mulher, no turno da manhã, uma estudante ficou muito atenta a tudo que falávamos, começou a fazer perguntas e tirar dúvidas. Em seu semblante tristonho, ela perguntava como deveria abordar o assunto com uma amiga que vivenciava um relacionamento abusivo. Em seu argumento, ela aflita dizia que, apesar de falar, nada adiantou até o momento. Nós indicamos um vídeo, com o depoimento da modelo Jessica Aronis, publicado no canal do youtube TEDx Talks<sup>11</sup>. Como o nosso horário estava finalizando, passamos o link e fomos para a sala da direção para organizarmos as palestras do turno vespertino<sup>12</sup>. Enquanto estávamos na sala da direção, a diretora nos relatou que a aluna em questão vivia um relacionamento abusivo, com um homem mais velho.

<sup>11</sup> Vídeo para acesso no link: <https://www.youtube.com/watch?v=FFdgiQyQNg>. Acesso em: 13 de out. 2023.

<sup>12</sup> Vídeo para acesso no link: <https://www.youtube.com/watch?v=FFdgiQyQNg>. Acesso 1 de fev. 2024.

Em uma ida a escola, em outro dia, novamente realizamos uma oficina na mesma turma da aluna. O vídeo foi então passado para toda turma e ela, na mesma hora, pediu a amiga que prestasse atenção no depoimento da modelo.

Imagem 6



Fonte: Redes Sociais SM, 2024<sup>13</sup>.

Na foto acima, é possível visualizar a estudante que passava por tal situação, e cursava o último ano do ensino fundamental. Nela, é possível lembrar novamente da aflição da amiga com relação a situação.

A educação feminista para conscientização crítica está enraizada na suposição de que o conhecimento e o pensamento crítico dados na sala de aula deveriam orientar nossos hábitos de ser e modos de viver fora da sala de aula. Uma vez que a maioria de nossas aulas são acompanhadas quase que exclusivamente por estudantes mulheres, é mais fácil para nós não sermos espíritos descorporificados na sala de aula. Ao mesmo tempo, esperava-se que nós tivéssemos um nível de carinho e até mesmo de "amor" para com nossas estudantes. Eros estava presente em nossa sala de aula, como uma força motivadora. Como pedagogas críticas estávamos ensinando as nossas estudantes, modos de pensar diferentemente sobre gênero, entendendo plenamente que este conhecimento também as levaria a viver diferentemente (Hooks, 2000, p. 64).

<sup>13</sup> Instagram da Secretaria da Mulher Santana do Maranhão, tirada no dia da culminância do projeto.

Como pesquisadores e educadores, é difícil passar por algo semelhante, tendo que, ao mesmo tempo, aconselhar e se posicionar, sem perder as possibilidades de diálogo estabelecidas com a escola e com os estudantes, elo de confiança tão fragilmente estabelecido. Entretanto, é a prática apaixonada, como sinaliza Bell Hooks, que mantém firme as nossas convicções e alicerça as ações e oficinas deste projeto de ensino.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Projeto de Ensino Foco Acadêmico: Direitos Humanos e ensino, ações de combate a violência em Santana do Maranhão é uma iniciativa realizada pela equipe do Grupo de Estudos em Gênero e Educação Chita/Gitã, junto a Secretaria Municipal da Mulher do município de Santana do Maranhão/MA. Por meio de atividades de promoção dos Direitos das Mulheres e Direitos Humanos – com a realização de palestras e oficinas nas cidades do Baixo Parnaíba Maranhense, seguindo o princípio da educação para a prática da liberdade e com ações relacionadas ao combate da violência doméstica e de gênero – visamos desnaturalizar perspectivas de gênero com a utilização de músicas, dialogando com o contexto social e histórico dos estudantes, contribuindo para a tradução dos conteúdos de sociologia para a linguagem do Ensino Médio.

A realização das oficinas nos meses de outubro e novembro, associadas a Campanha dos 21 dias de ativismo pelo fim da violência contra a mulher, contribui tanto para a formação pedagógica da bolsista – que atuou na produção e pesquisa de materiais a serem utilizados nas oficinas –, assim como na realização das oficinas na escola municipal, se apropriando dos conceitos e categorias sociológicas e desenvolvendo os conteúdos por meio de uma linguagem acessível aos estudantes do ensino fundamental. Desse modo, o projeto cumpre dupla função: formação de futuros professores de Ciências Humanas/ Sociologia e ações que visam a promoção da equidade de gênero por meio de palestras educativas, voltadas para um público de adolescentes que ainda não tem acesso à disciplina e aos conteúdos de Sociologia. São ações que visam atingir a meta de Agenda 2030, compreendendo que não há público que deve ficar de fora desse debate, mas, muito pelo contrário, iniciando pelos adolescentes este debate.

Os resultados alcançados com as oficinas foram extremamente positivos, o que nos faz almejar a expansão desse debate para públicos mais novos – como crianças da educação infantil – em um esforço e desafio de adaptação das temáticas para esse grupo.

## REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEZERRA, Amanda R.; RODRIGUES, Zulimar M. R. Violência contra mulheres: o perfil da vítima e do agressor em São Luís/MA. Violência contra mulheres: o perfil da vítima e do agressor em São Luís MA. **Revista Do Departamento De Geografia**, v. 41, n. 1. 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro. Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

CONTIERI, Amanda Ágata. "As mais tocadas": uma análise de representações da mulher em letras de canções sertanejas. Campinas, SP: [s.n.], 2015. Dissertação de Mestrado PPG-LA.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

HOOKS, Bell. Eros, erotismo e o processo pedagógico. In. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Guacira Lopes Louro (org.). Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva — Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF: Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

IBGE. Cidades, Brasil, Maranhão, Santana do Maranhão (Panorama), 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/santana-do-maranhao/panorama>. Acesso em: 1 de fev. 2024.

IBGE. Censo Demográfico, 2022, Cidades e Estados (Santana do Maranhão). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/santana-do-maranhao.html>. Acesso em: 1 de fev. 2024.

ONU. Objetivos do Desenvolvimento do Milênio, 2000, Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/66851-os-objetivos-de-desenvolvimento-do-mil%C3%AAnio>. Acesso em: 1 de fev. 2024.

PEREIRA, Amanda Gomes.; SANTOS, Lucas Oliveira dos; SANTOS, Gizele Oliveira dos. "Eu sou Malala": gênero, representatividade e educação como prática transformadora. **Revista Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais. CABECS**, v. 5, n. 1, p.115-137, jan.-jun. 2021.

PEREIRA, Amanda G.; COLASANTE, Tatiana. A luta das mulheres no interior do interior do Maranhão. **LeMonde Diplomatique**. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-luta-de-mulheres-do-interior-do-interior-do-maranhao/>. Acesso em: 1 de fev. 2024.



SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade.** Petrópolis: Vozes, 1976.

ZANELLO, Valeska. Dispositivo materno e processos de subjetivação: desafios para a psicologia. *In:* ZANELLO, Valeska; PORTO, Madge (Org.). **Aborto e (não) desejo de maternidade(s): questões para a psicologia.** Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016. p.103-122.